

«Os lobos raramente atacam», dizia para si mesmo, pois tudo o que tinha para se defender era um canivete e uma galhada de caribu

Confronto na tundra

RON RAU

No dia em que isto aconteceu, eu tinha resolvido caminhar um pouco depois do meu trabalho no turno da noite. O serviço era na vertente norte da cordilheira de Brooks, no Alasca. Estávamos em maio de 1974 e tínhamos começado a construir o oleoduto através do Alasca. Eu havia arranjado emprego em Galbraith Lake, que era o acampamento mais ao norte, nas montanhas.

Ao sul, as montanhas escarpadas e sinistras pareciam cones perfeitos; ao norte, ficavam as colinas ondulantes que desciam até o Oceano Ártico, a 150 quilômetros de distância. Decidi caminhar rumo norte com minha câmara, para tirar uma foto do acampamento tendo como fundo as ásperas montanhas, ao sul.

ERAM quatro horas da madrugada quando me pus a caminho, já com luz suficiente para uma boa fotografia, pois estávamos no verão ártico. Tinha andado 15 minutos quando vi uns chifres de caribu com cerca de um

metro de comprimento desbotados pelo sol. Dariam um belo complemento à fotografia. Podia colocá-los num alto e enquadrar o acampamento dentro das seis pontas afiladas, duas das quais estavam partidas. Levando-os comigo, andei mais uma hora em direção ao monte de onde queria tirar a foto.

Foi então que vi o lobo, a apenas 50 metros de distância. Ele estava se aproximando do meu caminho, com aquele jeito característico de andar que têm os lobos e coiotes. Parei. O animal continuou a andar até ficar bem diante de mim. Depois, voltou-se e me olhou.

Minha primeira reação foi ver se havia mais lobos. A tundra não tinha árvores e era ondulante, cheia de ravinas e pequenos montes; fora por isso que não o tinha visto antes. Ele acabara de sair de uma pequena depressão do terreno. Ficou ali, com aquelas pernas tremendamente compridas, olhando fixamente para mim. A árvore mais próxima en-

contrava-se a pelo menos 150 quilômetros, mas eu ainda pensava nela. Tinha para me defender eram os chifres de caribu e um canivete.

Raramente ou nunca os lobos atacam, dizia eu para comigo, mas ali estava um a 50 metros de mim, com o pêlo eriçado – um animal que podia me matar.

Quanto a mim, sabia que era melhor não mostrar medo. Se o lobo pressentisse que eu estava assustado... bem, eu podia ficar em dificuldades.

Não sei por quanto tempo olhamos um para o outro. Dez segundos, trinta, um minuto talvez. Eu raciocinava rapidamente. Não havia lugar para onde correr, nem onde pudesse me esconder. Estava a mais de três quilômetros do acampamento. A única coisa que podia fazer era tomar a ofensiva.

Decidi tentar a sorte com os chifres de caribu. Eram suficientemente pesados e robustos, e as pontas tinham 15 a 20 centímetros de comprimento. Se chegasse o momento decisivo, eu procuraria atacá-lo nas costelas, na esperança de que uma ponta penetrasse entre elas, atingindo os pulmões. Teria na mão o canivete aberto. Então, o lobo começou a caminhar em círculos.

Comecei a andar em direção ao acampamento, precisamente em frente do lobo. Ele parava, eu parava. Reparei que o vento vinha dele para mim. Quando me farejasse, talvez se fastasse com medo. No fim de contas, eu era um homem.

Não tínhamos nós, homens, dominado a Terra durante milhares e milhares de anos? Sim, pensava eu, mas não com uns chifres de caribu. Mesmo um homem primitivo estaria mais bem armado. Teria, pelo menos, uma lança.

O lobo reiniciou o cerco. Recomecei a andar. Ele parava, eu também. Estudávamo-nos mutuamente. O lobo era amarelo-acinzentado e pesava cerca de 35 quilos – metade do meu peso. Assim mesmo, podia me matar. Que magnífico animal, com aquelas pernas longas, vigorosas, ágeis, perfeitamente adaptadas à tundra.

Comecei de novo a andar, e o lobo fez o mesmo. Concentrei minha atenção nos chifres de caribu. Ataco nas costelas. É possível que eles se quebrem se eu bater no crânio, refleti. Fixei os olhos nas pontas. Se ao menos tivesse tempo de afiá-las numa pedra! Então sim, teria algo para me defender; eles eram tão cortantes como facas de mesa comuns.

O lobo parou, eu parei. Então, sentou-se e olhou para mim. Como eu desejava saber o que se passava em sua cabeça! Não estava, decerto, receoso, pois os homens eram novidade em seus domínios.

Decidi tentar uma nova cartada: avançar em direção do acampamento. O lobo estava sentado à minha esquerda, fora do caminho, mas apenas a uns 50 metros. Ele tinha me cercado cuidadosamente, sem se aproximar nem se afastar. Dei um passo e ele se levantou como ferroa-



Se hoje Paris é uma festa, no final do século passado a festa era total.

Em Montmartre reuniam-se artistas por muitos julgados loucos. Eram Degas, Renoir, Cézanne, Claude Monet e outros mais ou menos loucos, conforme a opinião de cada um.

Anunciava-se por toda a cidade a estréia da peça "Hamlet" com Sarah Bernhardt.

Toulouse Lautrec com seu ar debochado retratava as vedetes do Moulin Rouge.

Um brasileiro encomendava a Cartier um relógio muito estranho. Era para ser usado no pulso. Nome deste brasileiro: Alberto Santos Dumont.

Na Exposição Mundial de 1889 a grande atração era uma torre em ferro.

Segundo seu construtor, a França seria a única nação cuja bandeira teria uma haste de 300 metros.

Gustave Eiffel projetou a torre em 1886 e fez mais de 5.300 planos, detalhando cerca de 18.000 peças.

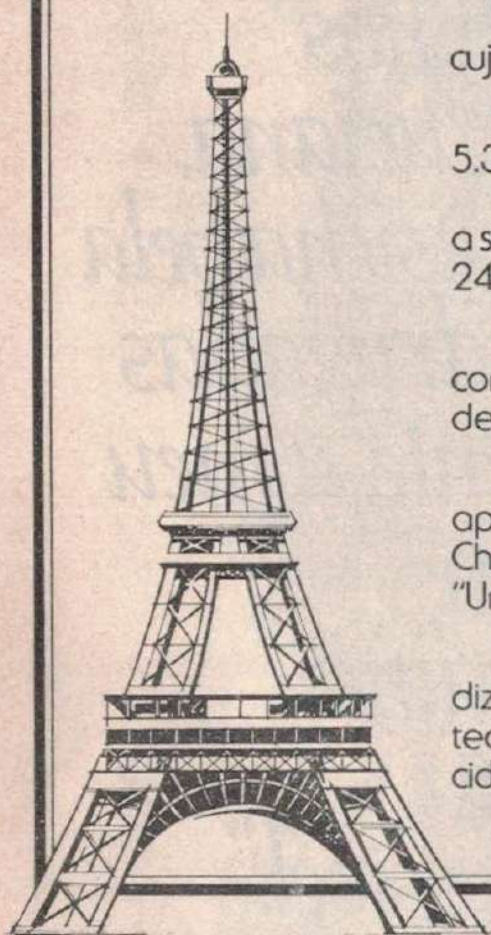
A primeira plataforma ficou pronta em abril de 1888, a segunda em agosto do mesmo ano e finalmente a 24 de fevereiro de 1889 a Torre Eiffel estava pronta!

A 19 de fevereiro de 1901, Santos Dumont contornou de balão a Torre Eiffel e ganhou um prêmio de 150 mil francos.

Tornou-se tão famoso em Paris que seu perfil aparecia nos pães doces vendidos nos quiosques dos Champs-Élysées e as crianças pediam: "Un Santôs, s'il vous plait".

Hoje a Torre mais do que um simples mastro, como dizia Gustave Eiffel, tornou-se um símbolo das conquistas tecnológicas do homem, e um símbolo da própria cidade de Paris.

Conheça a França viajando pela TAP.



Voe com quem sempre soube voar.

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS PORTUGUESES

do por uma abelha. Fiquei parado como uma estátua. O lobo recomeçou seu cerco, e eu recomecei a andar. Depois parou, de frente para mim, e eu podia ver perfeitamente seus pêlos eriçados. Contemplei de novo os chifres de caribu. Eram um pouco compridos para um ataque repentino, um pouco difíceis de manejar em luta corpo a corpo. Não, luta corpo a dentes. Vou atacar nas costelas.

Então, ele se moveu; desta vez, diretamente contra mim. Caminhei para ele. Demos alguns passos antes de pararmos. Eu sabia o que tinha de fazer: jogar a cartada seguinte.

Dei um passo para ele que, por seu turno, saltou dois metros para o lado, como se tivesse sido picado outra vez. Depois, recuou os passos que tinha avançado, e voltou para a sua posição anterior, cerca de 50 metros de mim.

Todo o meu corpo se descontraíu de alívio. Ele tinha recuado. Havia demonstrado medo ou, pelo menos, o que mais se assemelhava ao medo: confusão. Pela primeira vez, dei conta de que estava tremendo. O pior, porém, tinha passado, não era mesmo? O lobo tinha recuado.

Virei-me e comecei a andar em direção do acampamento. Estava lá o lobo, fazendo de novo o cerco, querendo ficar a favor do vento, para farejar. Apressei o passo.

Não ande tão depressa, exclamei bem de dentro do meu íntimo. Ele podia pressentir meu receio. Assim, parei e encarei de novo o animal. Estávamos agora a uns 70 metros

um do outro, demasiado longe para que eu pudesse vê-lo eriçado. Fítamo-nos e recomecei a caminhar.

Desta vez não parei. Se ele me seguisse, eu sabia que fazer; devia tê-lo feito logo a princípio. Parava e amarrava meu canivete na extremidade da galhada. Podia usar um cordão de sapato. Talvez devesse parar e fazer isso já, pensava eu. Não, continue a andar! O lobo estava seguindo meus passos, farejando meu rastro. Desci uma encosta; o animal desaparecera.

Passaram cinco minutos, e não o vi. Caminhei rapidamente, direto ao acampamento. Nem sinal do lobo. Senti-me seguro e exultante. Tinha ganho grande estima pelos chifres de caribu. Sem eles, eu teria agido de maneira diferente; não teria tido coragem para enfrentar o lobo, só com um canivete. Perguntei a mim mesmo que teria o lobo em mente quando se aproximou de mim. Que teria acontecido se eu tivesse entrado em pânico? Que teria feito sem os chifres de caribu?

Passado pouco tempo eu estava a menos de 300 metros do acampamento. Sentia o cheiro de *bacon*. O turno de dia ia tomar o café-da-manhã. O Sol surgia por trás da montanha. Era uma linda manhã.

Detive-me na colina imaginando o que devia fazer dos chifres de caribu. Podia carregá-los comigo no avião quando fosse embora. Tinham-me prestado bom serviço. Nunca me esqueceria deles.

Deixei-os cair no chão. Partiram-se imediatamente ao meio. ▲